



ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL
DOS LUSODESCENDENTES

aild.pt

Conclusões - Colóquio “Pare de dizer Diáspora”

O desafio proposto pelo Colóquio “Pare de dizer ‘diáspora!’”, organizado pela Associação Internacional de Lusodescendentes (AILD), que se realizou na FCSH a 20 de outubro de 2020 não podia ser estimulante e oportuno, essencialmente num contexto dominado pela retórica do eufemismo característica de uma cultura do politicamente correto.

Com efeito, apesar de ter sofrido consideráveis mutações semânticas ao longo dos séculos, a palavra diáspora perturba, desassossega e inquieta, tanto pela sua estranheza sonora e a sua ambiguidade intrínseca como pela densidade semântica e a carga história, cultural e ideológica que veicula. Como lembrava recentemente o Cardeal Tolentino de Mendonça num curto texto publicado na Revista Expresso a 7/08/2020, «a história das palavras conta a nossa história, mais do que supomos». Longe se ser apenas simples «repositório dos sentidos estabelecidos» (ibidem), na palavra diáspora continua a ecoar a memória da separação, do rasgo geográfico e ontológico, da ferida física e simbólica ressentida por um povo arrancado da sua terra natal (é o sentido que lhe atribui a Septuaginta, a Bíblia traduzida do hebraico para o Grego no séc. III antes de Cristo). Esta dimensão maldita (ou nefanda) inscreve-se na própria morfologia do étimo grego do qual emerge o prefixo dia- («através de»: o mesmo que encontramos nos termos dia-bolos ou diabolê que designa aquele que semeia o ódio e a discórdia através da calúnia, aquele que divide, que se atravessa no caminho), associado ao verbo speiren que reenvia tanto para a ideia de perda ou de dispersão como para o ato de semear através do qual o exílio se torna disseminação fecunda. A palavra assenta, neste sentido, num paradoxo criador que não escapou a algumas correntes teóricas pós-estruturalistas que viram na diáspora e no exílio uma metáfora da própria dinâmica da escrita enquanto separação, irreduzível ausência, vestígio (Derrida fala em trace – De la grammatologie; L'Écriture et la Différence) de uma perda (a da plena presença da Voz, a de um contacto fusional entre as palavras e as coisas, entre a linguagem e o sagrado) que inaugura a aventura da significação.

De todas as intervenções no Colóquio, perpassou assim uma

ideia essencial: há que não ter medo das palavras. Na sua espessa história tecida de diversos sedimentos culturais, cada palavra designa realidades e experiências distintas, despertando memórias e afetos que moldam profundamente o seu significado. Não podemos rasurar palavras do léxico, transformando-as em palavras interditas, sem correremos o risco de amputarmos a nossa própria experiência do mundo. Nunca há palavras a mais para traduzir a riqueza e a diversidade do humano! Nesta perspetiva, se é verdade que diáspora veicula a ideia de dispersão e de desenraizamento na qual as novas gerações lusodescendentes já não se reconhecem, não deixa de traduzir uma realidade histórica que esteve (e continua a estar) na origem da criação fecunda de novos laços culturais e de novos espaços linguísticos que foram ampliando continuamente a cartografia do território identitário da comunidade portuguesa no mundo. Se a emigração dos anos 50 e 60 evoca a experiência amarga do desenraizamento forçado, da vida em condições precárias numa terra distante da qual se desconhece a própria língua, vida sulcada pela lama e a nostalgia lancinante de um regresso eternamente adiado, não deixa de ecoar também um tempo heroico e fundador marcado por indelével laços de fraternidade, entreatura e solidariedade, distinguindo-se, neste sentido, da experiência migratória dos jovens diplomados (e não só) do século XXI que cresceram em liberdade sob o signo do multilinguismo e da globalização.

Compreende-se assim a preferência hoje assumida pelos poderes políticos, os media, bem como os lusodescendentes pela palavra comunidade para traduzir o sentido de comunhão, de integração e de pertença a um mesmo espaço identitário e linguístico no qual confluem realidades, memórias e experiências múltiplas e heterogêneas. Esta preferência revela claramente uma mudança de paradigma na abordagem e vivência dos fenómenos migratórios, a diáspora tendo deixado de estar marcada pela dispersão e pela divisão entre o cá e o lá, o eu e o(s) outro(s), para se afirmar como espaço de abertura feito de cruzamentos, passagens e confluências, deslocações em sentidos múltiplos, hibridismos e contantes negociações identitárias.

Prof. Doutor Carlos F. Clamote Carreto

Coordenador Executivo do Departamento de Línguas, Culturas e Literaturas Modernas

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas - NOVA FCSH

Vice-coordenador científico IELT - Instituto de Estudos de Literatura e Tradição